

A literatura indígena brasileira e as novas tecnologias da Memória: da tradição oral à escrita formal e à utilização de mídias digitais¹

Julie Dorrico*

Resumo: A veiculação da expressão indígena, em suas variadas formas de manifestação, já está presente em canais de comunicação como a internet, a TV, os livros e outros. Nesse sentido, este trabalho versa sobre a mídia – canais de comunicação *online* de que se valem os povos indígenas para serem vistos e escutados – e a literatura, espaço em que os povos indígenas autoafirmam sua identidade e seus modos de re-existência antes invisíveis. O argumento central do artigo consiste em defender que os povos indígenas passaram a utilizar os meios de comunicação e a escrita formal como ferramentas de afirmação de suas identidades, de reconstrução e de fomento de suas tradições e, por fim, de resistência política frente às violações de sua integridade, cultura e território. O importante dessa utilização das mídias e da escrita formal, por parte dos povos indígenas e como sua forma de autoafirmação e de autodefesa, está em que, ao mesmo tempo em que eles se integram à cultura propriamente formal, o fazem com o intuito de promoção, revalorização e resistência epistemológico-política frente à descaracterização e ao abandono que sofrem.

Palavras-Chave: Povos Indígenas; Etnomídia; Literatura Indígena; Revalorização; Resistência.

Abstract: The propagation of the indigenous expression in its multiple ways is already present in media in general, as internet, TV, books etc. With this motto, the paper reflects on media – online communication channels used by indigenous people with the purpose of being seen and listened to – and literature, sphere in which indigenous people self-affirm themselves in their identity and ways of reexistence which were invisible before. The paper's central argument is that indigenous people have started to utilize the media and the formal writing as instruments to the affirmation of their identities, to reconstruction and foment of their traditions and, at least, to political resistance regarding violations of their integrity, culture and territory. The important point in relation to this indigenous self-affirmation and self-defense is that, at the same time that indigenous people integrate themselves to the formal culture, they do that with the aiming of promotion, valorization and epistemological-political resistance concerning the decharacterization and abandon that they suffer.

Key-Words: Indigenous Peoples; Etnomedia; Indigenous Literature; Revalorization; Resistance.

Introdução

Este artigo tem por objetivo mostrar a crescente atuação de lideranças e

¹ Uma versão inicial deste texto foi publicada sob a forma de capítulo de livro em SANTOS, V. C., DANNER, L. F.; OLIVEIRA, M. V. X.; BORGES, D. G. (Orgs.). *O que resta das jornadas de junho*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, pp. 65-92. Para a publicação nessa revista, o texto foi revisado, corrigido e ampliado.

* Doutoranda em Teoria da Literatura no curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. E-mail: juliedorrico@gmail.com

militantes indígenas por meio da publicação de livros e uso de mídias digitais, a fim de valorizar suas identidades, ancestralidades e memórias, ao mesmo tempo em que, metalinguisticamente em seus textos e por meio de suas vozes e rostos nos vídeos e sites *online*, denunciam a violência física e simbólica sofrida e vivida, reafirmando o seu direito à expressão e ao seu lugar no país.

Este texto discute a situação e a atuação público-políticas dos povos indígenas no país, povo este que se vale da literatura e de ferramentas da mídia para reafirmar e enfatizar suas lutas, como veremos no decurso de nossa discussão. No momento da apresentação deste texto, que inicialmente foi feito em uma comunicação realizada no evento *Brasil em crise: o que resta das jornadas de junho*, em junho de 2017, uma época, aliás, de grande tensão e instabilidade no Brasil, um ataque violento fora realizado contra os povos Guarani-Kaiowá, situados na terra indígena Amambai Peguá, localizada no estado do Mato Grosso do Sul². Um grupo armado desferiu tiros durante horas contra os indígenas, ferindo cinco adultos e uma criança de 12 anos. Clodiodi Aquileu, 26 anos, indígena e agente de saúde da comunidade, não resistiu aos ferimentos e faleceu. A tentativa de retomada de suas terras ancestrais, a *tehoka*, vem resultando em assassinatos e vários conflitos armados, uma vez que estas terras estão em posse de fazendeiros. Esse grupo, em verdade, espera há tempos pela demarcação de suas terras.

Esse cenário é comum dentre os mais de duzentos grupos indígenas que habitam o país, posto que, conforme informações fornecidas pela FUNAI- Fundação Nacional do Índio³, atualmente existem 462 terras indígenas regularizadas representando 12,2% do território nacional, localizadas em todos os biomas, com concentração na Amazônia Legal. Em porcentagem, representam 54% no Norte, 11% no Nordeste, 19% no Centro Oeste, 10% no Sul e 6% no Sudeste. Como se vê, a regularização dos territórios indígenas, conforme esses dados da FUNAI nos provam, está andando de modo lento, por parte das autoridades públicas, o que agrava as tensões e os conflitos entre

²C.f.: “Ataque à comunidade deixa um morto e seis feridos no MS – comunidade fica na região de Dourados, conhecida por conflito com fazendeiros”: <https://oglobo.globo.com/brasil/ataque-comunidade-indigena-deixa-um-morto-seis-feridos-no-ms-19504999>.

³C.f.: “Terras indígenas: o que é?”: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/demarcacao-de-terras-indigenas>.

fazendeiros ou latifundiários e povos indígenas, o que mostra a gravidade e o grau crescente de violência envolvendo a luta pela terra de um modo geral e pela terra indígena em particular, no Brasil: para se ter apenas um exemplo, segundo o site *Mobilização Nacional Indígena*⁴, “dos 891 assassinatos de indígenas entre 2003 e 2015, 426, quase a metade, ocorreram no Mato Grosso do Sul”.

Silenciados, negados e anulados historicamente, vemos, como uma atitude cada vez mais consolidada no meio indígena, lideranças e intelectuais indígenas apropriarem-se direta e fortemente da literatura, do livro, da *internet*, isto é, dos meios de comunicação que circundam a academia e o jornal para se expressarem e denunciarem a violência física e simbólica a que são submetidos, tensionando esse espaço de produção de discurso com suas vozes, literaturas, performances, artes plásticas, e, com isso mostrando, por meio de suas expressões, que reivindicam o presente, o passado e o futuro.

Nesse sentido, pensando nessas expressões e em causas concernentes aos povos indígenas, argumento que a literatura indígena, reunindo um conjunto impresso e diverso de obras de autoria coletiva e individualizado às ferramentas midiáticas, resistem e reforçam a alteridade na contemporaneidade. Por um lado, seus representantes expressam sua estética e denunciam, metalinguisticamente, as agressões epistêmicas, políticas e simbólicas. Por outro lado, lançam mão das tecnologias digitais para promover a valorização de suas memórias e ancestralidades. Para provar este argumento, o trabalho está dividido em três partes: a primeira expõe a relação entre mídia e literatura em diversos registros *online* que aludem às lutas e à vontade de expressão advenientes do próprio indígena – ele quer, por meio da utilização dessas mídias e com a publicação de seus livros, reconstruir e afirmar sua cultura e visão de mundo, bem como resistir à destruição cultural de seus valores tradicionais e à usurpação de seu território, de seus produtos e de suas práticas.

A segunda parte trata do movimento que acontece na internet, chamado por Anápuáka Muniz Tupinambá (2010), Eliane Potiguara (2015), Renata Machado

⁴C.f.: “Nós já estamos morrendo através do Marco Temporal”: <https://mobilizaonacionalindigena.wordpress.com/>.

Tupinambá (2016) e Denilson Baniwa (2016) como *etnomídia*, que se destina a explicar a existência de materiais disponíveis na *internet* com o objetivo de que a população em geral tome conhecimento sobre o material que produzem sobre si mesmos, de suas ações e lutas. Por fim, a última parte deste trabalho argumenta acerca da importância da luta política e literária dos povos ameríndios, da reafirmação cultural, bem como da utilização dos instrumentos como a escrita e a *internet*, ferramentas refletoras, projetoras e dinamizadoras das causas político-epistêmicas das minorias no país.

Ora, nossa hipótese central, neste artigo, é de que um dos recursos fundamentais para que tal movimento ocorra e tenha impacto abrangente e pungente tanto dentro quanto fora das aldeias e comunidades, alcançando a sociedade civil e mesmo conexões internacionais, consiste na apropriação e uso da escrita formal e de ferramentas midiáticas utilizadas na e para a expressão, divulgação, fomento, reconstrução e resistência de suas tradições, o que prova, mais uma vez que, hoje, o domínio, a reestilização e o manuseio da língua formal, de tecnologias midiáticas e dos recursos *online* são fundamentais em termos metodológicos e estéticos para a dinamização de causas políticas e literárias dos povos indígenas e por parte deles.

Mídia e Literatura: o campo midiático-literário como suporte às manifestações artísticas indígenas contemporâneas

O histórico da edição das narrativas orais no Brasil revela, como postula Almeida e Queiroz (2004), que os povos indígenas durante muito tempo foram caracterizados como povos sem tradição escrita, o que tinha como consequência a desvalorização de sua tradição oral por parte do não-índio que tematizava essa inexistência de cultura escrita, resultando, em muitos casos, no apagamento identitário e cultural dos povos nativos no Brasil. Essa mesma tradição levou a efeito, como argumenta Antônio Risério em seu trabalho *Textos e Tribos* (1993), o falseamento ou até a destruição de traduções de textos, como foi o caso dos textos Tupinambás. Essa mesma situação pode ser amplamente estendida a muitos outros povos, ao longo de nossa história.

A partir dos anos 1990, entretanto, com o advento da educação escolar indígena,

consolidou-se o fato de que os professores e os estudantes indígenas passaram a ter o domínio da língua portuguesa para nela expressarem-se em razão de suas etnias, delas e para elas. Através do aprendizado da segunda língua, no caso a língua portuguesa, foi possibilitado ao sujeito ameríndio ele mesmo escrever sua história, tornar-se, portanto, autor dela, valorizando sua tradição oral por meio da escrita⁵. De modo que essa apropriação da escrita formal alcançou e alcança vasta importância na academia (passamos a falar, aqui, de obras indígenas que passam a ser publicadas com regularidade e cada vez mais intensidade) e na luta por direitos específicos, como a demarcação de terras, ensino e resgate de suas línguas maternas, a publicação e veiculação de suas próprias literaturas, ou seja, o indígena como sujeito epistemológico-político de recriação, valorização e resistência de suas tradições.

Nesse sentido, na contemporaneidade, podemos observar quão poderosas são as ferramentas tecnológicas acessadas e utilizadas, poderosas pelo fato de permitirem a visibilidade para o “branco”, do indígena e de suas formas de manifestação, de autoafirmação ontológica, política, epistemológica, cultural etc., e de luta a partir desse simbolismo; poderosas, além disso, e principalmente, por possibilitarem a autoexpressão e, com isso, demarcar sua perspectiva de mundo, dialogar desde ela com outras perspectivas, resistir a partir dela em relação a outras perspectivas, como pode ser visto, por exemplo, na obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), que, por meio desse trabalho, difundido nos cenários acadêmicos e culturais do país, possibilita ao xamã yanomami, Davi Kopenawa, maior projeção representativa relativamente a seu povo e ao Movimento Indígena. Isto é, possibilita-lhe dinamizar seus saberes, mensagens e apelos político-culturais em espaços de eventos acadêmicos, culturais e políticos⁶.

Desse modo, percebe-se, por parte dos povos indígenas, seus intelectuais e lideranças, uma apropriação de ferramentas antes de domínio quase que exclusivo do

⁵A título de exemplo, cito alguns intelectuais indígenas que se enquadram nessa descrição: Daniel Munduruku é autor (escritor) da obra: “Como surgiu” (2011), “Histórias que li e gosto de contar” (2011), “O Karaíba” (2009); Eliane Potiguara é autora da obra “Metade cara, metade máscara (2004); Graça Graúna é autora da obra “Contrapontos da literatura indígena contemporânea” (2013).

⁶C.f.: “Davi Kopenawa – Prêmio Itaú Cultural 30 anos (2017)”: <<http://www.itaucultural.org.br/davi-kopenawa-premio-itaucultural-30-anos-2017>> .

não-índio – escrita formal e publicação de livros, *internet*, rádio –, em uma reconfiguração dessas ferramentas em prol de seus próprios interesses. Vemos, assim, uma expressão político-artístico-literária no Movimento Indígena⁷ que abrange em sua causa desde o político-econômico ao estético-ontológico.

A mídia não apenas se torna mais presente na divulgação da literatura indígena contemporânea no país, senão que também tem sido utilizada como ferramenta para reafirmar interesses, para gestar literatura, arte, política, economia e religião, divulgando-as para além da própria comunidade e grupo de origem. Segundo Pereira (2007, p. 56), os primeiros registros do uso da internet pelos indígenas são de 2001 e, desde essa data, “as formas de comunicação na rede se transformaram em blogs, comunidades virtuais e portal”.

Relaciona-se a internet à literatura produzida por estes escritores, intelectuais e militantes, posto que desde si mesmos buscam enfatizar seu papel ativista e atuante na causa indígena. Dessa forma, podemos encontrar um vasto material de literatura indígena disponível na internet sobre e desses mesmos povos. Significa dizer que esse movimento visto nos dias de hoje valoriza questões intrínsecas e recorrentes, cujo alcance antes era mínimo ou, como afirma Graúna (2013), *invisível*. Um breve panorama histórico, aqui exposto, mostra como a literatura ajudou a difundir o Movimento Indígena, definido por Daniel Munduruku (2013) como um primeiro exercício de expressão da própria dor, um movimento de liberdade, ainda que ilusório, um átimo de futuro.

A noção de autoria, protagonista do sujeito indígena, e uma das questões centrais da literatura indígena contemporânea, trazida à tona pelas publicações a partir dos anos 1990, tornou mais visível as produções e aspectos intrínsecos da literatura presentes naquela e também pôs em evidência a luta étnica no país. Assim, se percebe que a compreensão da autoria indígena contemporânea está muito ligada à metodologia desenvolvida no *Projeto de Autoria CPI-AC* (MONTE, 2003), cuja ênfase se pautou na *elaboração coletiva dos materiais didáticos de autoria indígena* como parte do processo

⁷C.f.: “O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje”:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>

escolar de aquisição da escrita e conseqüente construção de sua função social. As noções de “autor” e “autoria”, portanto, metaforicamente representam a construção desse processo: a elaboração de materiais didáticos em conjunto com os próprios destinatários desses materiais, que envolveu professores e alunos ameríndios, assessores, organizadores e colaboradores participantes do Projeto. Esse processo, primeiro realizado e executado por assessores, colaboradores, professores e alunos indígenas, seria logo denominado de autoria coletiva.

Mas esse processo não ficou restrito ao material impresso publicado pelo governo federal e suas parcerias diversas, inclusive universitárias, por exemplo, a UFMG, a UFBA, a UFRR, a UnB, entre outros. Para além desse processo de edição, o Movimento Indígena – assim definido por Daniel Munduruku (2004) – alcançou e alcança mais visibilidade por meio da mídia, na medida em que, utilizando de diversas ferramentas tecnológicas de informação, se autopromovem naquela expectativa que muitos de nós fazemos: valorização do eu, do coletivo, da crença, da política, das paixões.

Leonor Arfuch (2010) argumenta que “[...] o avanço irrefreável da midiaticização ofereceu um cenário privilegiado para a afirmação dessa tendência, contribuindo para uma complexa trama de intersubjetividades, em que a superposição do privado sobre o público, do *gossip* – e mais recentemente do *reality show* – à política, excede todo limite de visibilidade” (ARFUCH, 2010, p. 36). Para a autora, esse fenômeno pode ser considerado como uma reconfiguração da subjetividade contemporânea. Ela argumenta que é coerente postular um espaço comum de inteligência (ação ou desenvolvimento de entender) dessas narrativas diversas – o *espaço biográfico* – que, sem perda de especificidade, seja capaz de dar conta de deslocamentos, semelhanças, mutações de formas e significados. Schmidt (1996) já afirmara, em sua teoria sistêmica, que os meios técnicos tanto quanto os não-técnicos “definem o que pode ser realizado como fenômeno literário pelos agentes em um sistema literário” (SCHMIDT, 1996, p. 125). Ou seja, ao estudarmos o sistema de mídia de uma sociedade buscamos compreender as condições das ações de indivíduos e de grupos no sistema literário co-presentes.

Nesse sentido, os ameríndios fazem suas produções a partir de ferramentas antes

consideradas exclusivas do “branco”, como a escrita e o vídeo, assim como utilizam a internet para publicizar suas produções, seus valores e suas lutas. Já sabemos da existência de inúmeras produções – que continuam a crescer – na perspectiva da literatura, bem como de muitos outros campos, como, por exemplo, das ciências sociais, da educação escolar indígena, das ciências da natureza, da arte, entre outros. Jaidier Esbell (2016), artista plástico, escritor e produtor cultural, em seu artigo *Índios: identidades, artes, mídias e conjunturas*, afirma sobre a importância de estar inserido num meio cujo alcance contemple a possibilidade de visão de sua arte:

Trata-se da busca à exteriorização, por meio de mídias, das melhores expressões artísticas e culturais e, por conseguinte, mostrar-se no todo, nisto que se conhece como atualidade. Mostrar-se por espontaneidade, por consciência e por saber o que fazer para garantir-se vivo, no meio, na mídia, com autonomia e protagonismo (ESBELL, 2016, p. 13).

A arte do indígena macuxi Jader Esbell, na contemporaneidade, reafirma todos os projetos que anteriormente buscaram visibilidade por meio de ferramentas midiáticas. O projeto *Vídeo nas Aldeias*⁸ é um deles e mostra como é possível se reapropriar de uma ferramenta não pertencente a uma determinada cultura para se mostrar como essa mesma cultura se vê e como deseja ser vista. É possível encontrar na internet, hoje, vídeos que documentam suas práticas tradicionais que, lançadas online na rede mundial de computadores, ficam salvas para que todos aqueles que tenham interesse e acesso possam conhecê-las e ouvi-las. Isso entre outras finalidades que podem ser vistas enquanto existentes nessas produções e práticas. É possível também encontrar na internet – no *Facebook* especificamente – lideranças que utilizam esse veículo como ferramenta para divulgar a re-afirmação da identidade em espaços institucionalizados que antes negavam (ou quase) a presença destes mesmos povos. Como exemplo, temos Eliane Potiguara que palestrou no dia 15 de maio de 2016 no salão FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) – seminário organizado pelo Instituto Uka – sobre “Literatura Indígena e Redes Sociais”. Em sua chamada ao evento ela escreveu:

Quando a rosa desabrocha, as abelhas vêm espontaneamente sugar-lhe o mel.
Deixemos que a rosa de nosso coração, de nossa alma e caráter desabroche

⁸ Cf.: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>

completamente na sociedade brasileira, *a partir de um testemunho de nossa capacidade*, autogestão, diálogo e ética, para que essa sociedade desconstrua, rapidamente, o discurso e prática atuais que causam a exclusão de povos indígenas. Os resultados e o respeito aparecerão. Pensadores e escritores indígenas: contem e criem então!⁹ (POTIGUARA, 2016, *online*; grifos nossos).

Podemos observar o apelo epistemológico feito pela poeta, crítica e liderança Eliane Potiguara, apelo para que os indígenas se expressem e, ao se expressarem, deem testemunho de sua situação, em todos os sentidos possíveis. Seu apelo busca desconstruir discursos e práticas que causam a exclusão étnica no país. Nesse chamado, podemos observar que ela se vale do canal midiático – *Facebook* – para chamar atenção de todos aqueles que se permitem ver e ouvir a situação e o apelo lançado pelas comunidades tradicionais. Outro exemplo que podemos observar está na figura xamânica de Davi Kopenawa, liderança Yanomami que recentemente participou da aula magna Ciência da Floresta com seu amigo de infância, Levi Yanomami, este, xamã da região de Toototobi. Nesta aula, Davi Kopenawa utilizava cocar e Levi estava vestido com adereços que permitiam a eles mostrar o jeito indígena de ser no palco da Universidade Federal de Roraima. Esta imagem, compartilhada pelo filho de Davi Kopenawa, Dário Yawarioma, quem geralmente divulga *online* as ações realizadas pelas lideranças indígenas de sua aldeia yanomami, e recompartilhada amplamente na rede social *Facebook*¹⁰, datada de 17 de maio de 2016, não poderia ser vista antes, ou, se vista, não teria o alcance que possui hoje, pois as lutas conquistadas nos campos da educação, da literatura e da arte promovem, por meio da utilização da mídia por parte de lideranças ou representantes de variadas etnias, uma maior visibilidade à sua situação e, com ela, a reafirmação cultural do ser indígena frente a outros povos, mesmo um diálogo entre eles.

⁹Cf.: <https://www.facebook.com/elianepotiguarall/posts/909404775836492>

¹⁰Cf.: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1084618674918518&id=149406351773093



Fonte: La chute du ciel – Davi Kopenawa e Bruce Albert (Facebook *online*)

A participação do xamã yanomami Davi Kopenawa¹¹ também é destacada na página inicial, em notícias, no site da Universidade Federal de Roraima, datado de 18 de maio de 2016. A notícia em destaque está intitulada como “Liderança Yanomami ministra aula magna da UFRR”. Logo abaixo à chamada, encontra-se uma fala registrada de Davi Kopenawa: “O homem da floresta tem o direito de defender o pulmão do mundo (...) Obrigado por deixar que um filho da Amazônia entre em uma universidade e mostre sua luta”. A seguir, o registro fotográfico feito do líder xamânico na aula magna:



Fonte: Universidade Federal de Roraima (*Online*)

Destacamos, ainda, o personagem militante nas redes sociais Yaguarê Yamã Aripunã, formado em Geografia pela Unisa (SP), escritor, professor, ilustrador e artista plástico, atuante no Movimento Indígena como líder Maraguá. Yaguarê advoga em favor de sua cultura e, por meio de notícias cotidianas dos e sobre os povos tradicionais, ele, que se mostra esclarecido frente ao cenário político, alerta para o possível

¹¹Cf.: <http://ufrr.br/ultimas-noticias/2522-davi1>

retrocesso que pode atingir as comunidades nativas com as eventuais mudanças no governo desde o ano 2016.

Percebemos, nesse sentido, uma atuação significativa dos sujeitos indígenas no cenário brasileiro, entre os quais estão Eliane Potiguara, Olívio Jecupé, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa e Yaguarê Yamã, já citados –, todos eles escritores que, inclusive, contam com a ajuda de antropólogos e assessores que trabalham no sentido de fomentar políticas e práticas que valorizem as formas de expressão artístico-cultural no cenário brasileiro. Nesse contexto, vemos, sobretudo, que o uso das ferramentas – o livro impresso e as mídias sociais – revaloriza e reafirma as tradições, tornando acessíveis espaços físicos e simbólicos indígenas neste mundo contemporâneo.

No quarto capítulo do livro *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), Graça Graúna reúne, em anexo, textos de caráter informativo que são textos eletrônicos compilados por ela. A autora argumenta que esses textos possuem, como outros gêneros literários, a relação “autor-texto-leitor” quanto à expressão, à significação e à divulgação da literatura indígena no espaço da internet. Os textos são de autores um pouco mais reconhecidos: Yaguarê Yamã (2001), com a obra *Puratig: o remo sagrado*; Olívio Jecupé (2000), com a obra *O saci verdadeiro*; Renê Kithãulu (2002), com a obra *Irakisu, o menino criador*; Eliane Potiguara (2004), com a obra *Metade cara, metade máscara*. Sobre a divulgação da literatura indígena no espaço da internet e em outras esferas culturais e políticas, também argumenta a autora:

Não é à toa que os(as) escritores(as) indígenas apareçam no mercado editorial, em produções teatrais, em documentários mostrados em vídeo, em fundações culturais e organizações não governamentais representativas, com o objetivo de consolidar o resgate e a difusão da sabedoria atual e milenar dos povos indígenas no Brasil e, por extensão, difundir o saber ancestral e contemporâneo dos parentes indígenas na América (Graúna, 2013, p. 81).

Os cenários das editoras e dos documentários agora passam a ser buscados pelos indígenas a fim de, em um duplo movimento, reafirmar a alteridade e lutar pelo seu espaço físico e simbólico. Como argumentado acima por Graúna (2013), seus objetivos são consolidar a sabedoria milenar dos povos indígenas no país e difundir o saber ancestral e contemporâneo desses mesmos povos no presente. O sujeito indígena utiliza a matéria ancestral para expressar-se e a violência histórica para resistir. Em outras

palavras, transitando entre a arte e a política, esses povos inauguram um protagonismo marcado pelo direito de autoexpressão e valorização dela, bem como da denúncia e resistência das agressões físicas e simbólicas existentes na sociedade do não indígena.

Nesse contexto, ainda podemos citar a reunião de obras indígenas, disponíveis *online*, realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais, que podem ser encontradas no site da Universidade, de caráter individual e coletiva¹². Nas expressões individuais, podemos citar uma fonte riquíssima ligada ao grupo de pesquisa *Literaterras* e à UFMG. Criado em 2002, por iniciativa de pesquisadores da UFMG e de outras instituições, os membros do Literaterras – Escrita, Leitura e Traduções – subsidiam os programas da UFMG para as populações indígenas específicas. A partir de teorias de base poético-tradutória das relações intelectuais, os pesquisadores configuram e desenvolvem pesquisas, fomentando produção de livros, cartilhas e outros materiais, a fim de que estes possam se afirmar enquanto povo e propagar seus conhecimentos.

Além das obras que tangenciam as temáticas da escola indígena, encontram-se aliadas a elas as disciplinas de antropologia, história, teoria da literatura, dicionários e livros de vocabulários, além de produções já concluídas por alunos e professores indígenas, de caráter individual e/ou coletiva. Entre os povos envolvidos nesse processo estão os Aranã, Kaxixó, Krenak, Maxakali, Pataxó, Pankararu, Xacriabá, Xucuru-Kariri.

O Projeto Vídeo nas Aldeias (VNA¹³) também utiliza a mídia como ferramenta para reafirmação identitária. O projeto foi criado em 1986 e foi precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. Estas informações são fornecidas na página online de apresentação do site relativo ao projeto. Importante mencionar novamente que o Projeto Vídeo nas Aldeias tem como objetivo apoiar as lutas dos povos tradicionais com intuito de fortalecer identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os quais o VNA trabalha. Hoje, o VNA se constitui como uma ONG independente e possui um importante acervo de imagens sobre os povos indígenas no Brasil e produziu uma coleção de mais de 70 filmes, a maioria deles premiados nacional e internacionalmente.

12<http://www.lettras.ufmg.br/bay/?chave=telPj6W12>

13C.f.: “Vídeo nas aldeias”: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>>

Além disso, com esta ferramenta, os povos no Brasil podem contar a sua história como a compreendem e como desejam.

A mídia, como argumentado neste trabalho, passou a ser uma ferramenta de re-existência e reafirmação artístico-cultural. Ela passou a se configurar como uma ferramenta presente e constante na divulgação de suas artes, de suas literaturas, de suas crenças e de suas lutas políticas. Como exemplo, considero a colocação do jornal online *Amazônia Real* e a fala da liderança *Baniwa*, André Fernando Baniwa, para responder às indagações e mesmo provocações postas aqui nesse texto. Nesse cenário político é possível perceber uma preocupação por parte das lideranças com o atendimento nas áreas da saúde e da educação nas aldeias. O jornal online *Amazônia Real*, em sua edição de 09/06/2016, publicou uma matéria que retoma também o tema “agenda das populações indígenas”. O jornal aponta para um receio na flexibilização dos direitos indígenas, uma vez que o presidente Temer tem um apoio muito forte das bancadas ruralista e evangélica no Congresso Nacional. O jornal diz o seguinte: “O sinal vermelho foi aceso quando o ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, declarou em entrevista à Folha de S. Paulo que poderia rever as últimas demarcações de terras feitas pelo governo Dilma Roussef, publicadas no “Diário Oficial da União”, dias antes de o Senado afastar a presidente do cargo”.

A liderança da etnia Baniwa, André Fernando Baniwa, citado acima, presidente da *Organização Indígena da Bacia do Içana*, no Alto Rio Negro (Amazonas), afirma o seguinte acerca da declaração do ministro Alexandre de Moraes:

A situação é muito difícil. Muito grave. Antes [o governo Dilma] pelo menos estava para ter uma direção, mesmo com dificuldades, mesmo com contra-ataque. Com o Temer, parece que [os interesses anti-indígenas] ocuparam de vez o governo. Quando digo que não há espaço, digo que antes tinha pelo menos uma coisa definida na FUNAI. Estava dentro de uma instituição que podia defendê-lo [o indígena]. Já havia pessimismo, mas piorou. Mesmo com a Dilma, ainda assim a FUNAI colocava as questões relativas aos indígenas em pauta. Agora não vejo nenhuma pauta indígena. Foi criado o Conselho Nacional de Política Indigenista, mas não tem agenda. Não tem notícia sobre isso. Sobre a FUNAI, existe uma especulação de que o PSC quer assumir a presidência. Eu acho que os indígenas estão preocupados com esta história. Não tem uma política de Estado. Está tudo muito indefinido. A minha conclusão é, agora, que não encontramos mais nem espaço. Está tudo desacreditado. Onde vamos colocar a nossa crença? Em quem vamos acreditar agora? A não ser nosso próprio Deus, quem nos criou e nos colocou na Terra. Está feio para todo lado, um acusando o outro. E têm os anti-

indígenas ruralistas querendo dominar todos os espaços para ser completamente contra os direitos dos povos indígenas. Então vejo com muito pessimismo, mas o movimento indígena vai continuar lutando.

Através do jornal online *Amazônia Real*¹⁴, vemos que a declaração de André Baniwa denuncia a fragilidade em que se encontram os povos tradicionais no que se refere à demarcação de terras e à afirmação institucional de seus direitos, pauta central na agenda indígena. Em outra página online, podemos observar, ainda, a fala de Denilson Baniwa sobre o tema da bancada ruralista, realizada sob a forma de entrevista para a página do XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros – ECTCV¹⁵, realizado entre 20 e 28 de julho de 2012. O título da entrevista denomina-se “Denilson Baniwa e os desafios da etnomídia”. A ECTCV questionou a Denilson como última pergunta: “Qual seria a cobertura jornalística ideal de não-indígenas sobre as questões indígenas?”. Denilson, por sua parte, respondeu: “Seria aquela que, em vez de o repórter entrevistar um antropólogo, entregasse o microfone a um indígena. Aquela que, em vez de servir aos grandes latifundiários, desse também voz aos pequenos produtores”. Nesse sentido, tanto a entrevista de Denilson Baniwa quanto a entrevista de André Baniwa apelam pela oportunidade de terem seus direitos e protagonismo garantidos, e mesmo mais além, quando alertam para a possibilidade de serem escutados por meios alternativos. Os povos tradicionais passam, desse modo, a solicitar voz e vez politicamente, através de sua própria luta e expressão. A etnomídia, com isso, surge como uma alternativa política na reafirmação da identidade coletiva, mas também nas expressões literárias que alcançam cada vez mais visibilidade para uma crítica epistêmica própria, para uma elaboração crítica e criativa de suas próprias tradições.

Etnomídia: resistência, revalorização e reinvenção através da mídia

A etnomídia é caracterizada por Renata Machado Tupinambá (2016), no jornal online *Brasil de Fato*¹⁶, como ferramenta para a comunicação dos povos originários em

¹⁴ Cf.: <http://amazoniareal.com.br/liderancas-indigenas-reagem-a-possivel-revisao-de-demarcacoes-no-governo-temer/>

¹⁵ Cf.: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2012/noticia/857/denilson-baniwa-e-os-desafios-da-etnomidia>

¹⁶ Cf.: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos->

que, em um cenário de disputas de terra e violência, como afirma a autora, é necessário que os nativos sejam seus próprios interlocutores, façam ouvir sua voz, defendam-se. Ainda segundo ela, a apropriação dos meios de comunicação, por parte dos indígenas, tornou possível a eles serem seus próprios interlocutores, provando, com isso, que tradição e modernidade podem ser aliadas na preservação das culturas. Pereira (2007) estabelece quais seriam as distintas nomenclaturas e funções dessas novas ferramentas tecnológicas, que, aqui, estamos significando genericamente por mídias. Para a autora, desse modo:

[...] *Site* em inglês significa local/lugar que no ambiente da rede designa um conjunto de páginas interligadas pelos chamados links. O site é um espaço básico de informação, em ferramentas de interfaces (janelas, ícones, menu, cursor) e em formas de comunicação, síncronica (simultânea, em tempo real, por exemplo, o chat) e assíncronica (não instantânea, por exemplo, e-mail). Entre tais modalidades, o portal é o mais interativo, porque possui ferramentas mais dinâmicas para promover a interação entre os produtores (também usuários/navegadores) e os usuários/navegadores do portal (PEREIRA, 2007, p. 16).

A classificação dada por Pereira nos remete ao uso dessas distintas ferramentas em prol de uma ação afirmativa pelos indígenas, quando passam a expressar em livros e mídias suas necessidades e expectativas, desde si mesmos, para a sociedade não indígena. Estas novas tecnologias da memória utilizadas pelos indígenas revelam uma retomada da História enquanto sujeito autoconsciente e dotado de resistência política. Marshall Sahlins (1997) afirma que um processo cultural similar ocorreu a vários povos do planeta a partir dos anos 1970, um processo de autoafirmação e de autodefesa que se utilizou da cultura formal para inverter uma prática comum nos estudos *sobre* os povos tradicionais, a saber, a descrição e a tematização deles por não-indígenas, que geralmente os romantizavam como *bons selvagens* ou, por outro lado, os denegriam ou lhes adscreviam como primitivos ou bárbaros. Nesse sentido, ao utilizarem-se da cultura formal, especificamente a escrita formal, em vez de manterem-se calcados nessas caracterizações extemporâneas impostas a eles, passaram desde essa época a reagir ao estudo e à paradigmaticização de si mesmos por meio da publicação de suas próprias visões de mundo, posicionamentos epistemológico-políticos e atividades estético-

artísticas. Sobre isso, complementa Sahllins:

[...] Nas últimas duas décadas, vários povos do planeta têm contraposto conscientemente sua “cultura” às forças do imperialismo ocidental que os vêm afligindo há tanto tempo. A cultura aparece aqui como a antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar a sua identidade, como para retomar o controle do próprio destino (SAHLLINS, 1997, p. 46).

Podem ser observadas estratégias de preservação cultural, por meio de suas especificidades étnicas, afirmando-se em relação ao Outro e se destacando na manutenção de suas próprias comunidades, de sua própria cultura através da publicação de livros e sua conseqüente circulação nos meios editoriais e jornalísticos, e de sua expressão transmitida online nas mídias. Entre suas especificidades marcam-se “[...] as manifestações culturais como o artesanato, danças, músicas, religião, língua, entre outros” (WOITOWICZ, 2009 *apud* EURICH, 2010, p. 502). Renata Machado Tupinambá (2016) argumenta que:

O imaginário popular ficou congelado na crença de um indivíduo conhecido pelo nome genérico de “índio”, definido assim pelo colonizador a partir de 1500. Contudo, a realidade contemporânea dos povos originários nestes longos anos do processo de colonização é outra. Tradição e modernidade podem ser aliadas na preservação das culturas.

Na postagem do blog de *Anápuáka Tupinambá*¹⁷, datada de 02 de janeiro de 2016, encontra-se o seguinte título: “Retomar para existir: a história do líder indígena Cacique Nailton Pataxó”. O documentário em vídeo conta a trajetória do cacique Nailton Muniz Pataxó, de descendência Tupinambá, enfatizando a sua luta pela reconquista da Terra Caramuru Catarina Paraguassu, fato que o tornou uma liderança e protagonista de grande importância no movimento indígena do Brasil. Segundo Costa (2013), sobre os Pataxó da Barra Velha, da Coroa Vermelha e do Kaí, existe uma vontade de poder pela retomada da língua para escrever, ler, narrativizar e memorar suas histórias. Da mesma forma, se pode perceber que os povos indígenas, enquanto produtores dos seus próprios discursos, “[...] passam a explicar 'quem são' através da retomada de suas memórias” (COSTA, 2014, p. 89). Desse modo, os ameríndios passaram a se apropriar de ferramentas, antes tidas secularmente como pertencentes ao

¹⁷ Cf.: <https://bloguedoanapuaka.wordpress.com/page/2/>

não-índio, como a escrita, o vídeo, o rádio, a utilização da mídia de modo geral, para redefinir o uso desses recursos em prol de seus movimentos, tanto político-econômicos quanto artístico-literários – os exemplos citados até agora permitem comprovar isso de maneira muito clara e consistente. Ao definir a etnomídia, Denilson Baniwa (2016), afirma que:

Etnomídia é o contrário de mídia de massa. Enquanto os meios de comunicação de massa, a indústria cultural, definidos pela Escola de Frankfurt, são voltados a deixar o conteúdo padronizado, acessível e entendível a todos, a etnomídia é dirigida a um público específico e com características mutáveis a cada cultura. Ou seja, o conteúdo não é entendido se você não faz parte daquele ambiente ou se não busca entender o ambiente onde a mídia acontece. Desta forma, há uma provocação para que se busque entender o outro e compreender que não há motivos para manter uma mídia de massa, mas sim aquela que busca a diversidade. A etnomídia é um fenômeno recente. Ela cresce a cada dia e, infelizmente, ainda não podemos medir seu desenvolvimento, até porque ainda não há possibilidade para isso no Estado. O que podemos ver são exemplos em outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, a etnomídia cresceu a ponto de a informação e a interação entre os povos ser quase instantânea.

O autor afirma, ainda, que aos meios e às plataformas criadas para sustentar esses meios hoje existentes de divulgação de suas artes, técnicas e interesses dá-se o nome de *etnocomunicação*, em que cada povo estabelece seus próprios formatos para atender às suas necessidades. Entre eles, podemos citar a Rádio Yandê, blogs, sites e comunidades virtuais que atuam no sentido de dar visibilidade e fortalecimento à identidade indígena.

A Rádio Yandê¹⁸, como consta em seu site online, se caracteriza como educativa e cultural. Ela tem como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a isso a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. O site traz, ainda, a certeza de que uma convergência de mídias é possível, nas aldeias remotas e comunidades indígenas, além de ser uma importante forma de valorização e manutenção cultural. Consta também que a programação possui categorias informativas e educativas que trazem para o público um pouco da realidade do índio do Brasil, desfazendo, assim, antigos estereótipos e preconceitos ocasionados pela falta de informação especializada em veículos de comunicação do “branco”. Encontram-se

¹⁸ Cf.: <http://radioyande.com/>

como coordenadores da Rádio Yandê: Anápuáka Tupinambá, Renata Tupinambá, Denilson Baniwa. Como podemos notar, os coordenadores são apoiadores do movimento indígena e escrevem sobre suas formas de resistência, ou falam, sob a forma de entrevista, de suas lutas e expressões. Os três coordenadores, aqui citados, foram aludidos anteriormente no texto quando buscamos apontar as formas de resistência realizadas conscientemente pelas lideranças e pelos intelectuais ligados ao Movimento Indígena no Brasil.

Ressaltamos o mote destacado constantemente na página da Rádio Yandê, “O modo tradicional indígena, agora em formato digital”. Ou seja, os coordenadores indígenas, que são também idealizadores de outros movimentos em defesa dos saberes étnicos, se mostram conscientes da necessidade de pensar-se uma mídia configurada e voltada para os próprios saberes tradicionais e para os, pelos indígenas como sujeitos atuantes em suas alteridades. A página no sítio possui uma janela de blogs que atende às seguintes categorias: suicídio indígena; arte; artigos escritos por não indígenas; autonomia cultural; cinema; comunidades indígenas; cultura digital; cultura indígena; direitos humanos; educação escolar indígena; educação indígena; educação superior indígena; entretenimento; esportes; etnobiologia; etnodesenvolvimento; etnomedicina; etnomídia; FUNAI; história oral; internacional; juventude indígena; literatura indígena; línguas indígenas; meio ambiente; mulheres indígenas; mídia digital; música; não definido; política; racismo e outros preconceitos; saúde; sustentabilidade; TV; tecnologia e, por fim, vídeos.

Nas publicações da categoria ‘etnomídia’ estão diversos temas publicitários relativos às tradições indígenas e sua veiculação midiática, por exemplo os seguintes artigos publicitários: “La Radio Yandê brinca de ser criança” (publicada dia 02 de dezembro de 2016); “Caçadores de memórias no cinema e comunicação quebram paradigma” (publicada dia 25 de novembro de 2016); “Mulheres indígenas cada vez mais protagonistas da luta e disputando cacicado em suas comunidades” (publicada dia 03 de novembro de 2016); “Povos indígenas de Roraima analisam conjuntura atual da saúde indígena durante a I Assembleia Extraordinária” (publicada em 31 de outubro de 2016); “Por uma educação de resistência” (publicada em 26 de outubro de 2016);

“Educadores indígenas e parceiros iniciam fórum” (publicada 24 de outubro de 2016).

Como se pode perceber, a categoria etnomídia compreende a veiculação de notícias referentes aos povos tradicionais em variadas categorias, ou seja, trata-se, podemos assim dizer, da propagação da voz e do modo de dizer especificidades indígenas publicadas nos mais diferentes meios de comunicação.

Os *blogs* também são utilizados como ferramenta de resistência. Entre os principais que podemos encontrar estão: o *blog* “Sites indígenas” que reúne vários blogs de diferentes etnias mostrando suas artes por meio de vídeos, literatura, expressão, política, etc. O “Aikax Kuikuro – Associação indígena kuikuro do Alto Xingu”, por exemplo, tem em sua página uma alusão ao projeto iniciado em 2002 para um documentário que busca mostrar a própria cultura milenar que pouca gente conhece. O *blog* “Aikewára: entre histórias, castanhas e estrelas” reúne uma pluralidade de notícias acerca dos mais variados povos indígenas, por exemplo os suruí, munduruku, e postagens sobre a luta na busca por demarcação de terras e direitos assegurados de modo geral. O *blog* intitulado “Ailton Krenak”, representante indígena que participa atualmente do Núcleo de Cultura Indígena, uma ONG situada na Serra do Cipó – Minas Gerais, que realiza desde 1998 o Festival de Dança e Cultura Indígena, idealizado e mantido por ele mesmo. O evento busca promover o intercâmbio entre as diferentes etnias e delas com outros grupos. Na página inicial, encontra-se o aviso de que a página não é atualizada pelo próprio Ailton Krenak, mas ela reúne matérias publicadas na internet e outros veículos sobre Ailton Krenak. Tais postagens são colagem coletadas e atualizadas no sítio com intuito de atualizar os seguidores.

Estes são alguns exemplos de etnomídia que podemos encontrar no site aludido; ele traz, a título de apresentação geral, *blogs*, sites e comunidades virtuais: Aldeia Kakané Porã, Aldeia Piançanguera, Aldeia Nhamandu Mirim, Aldeia Renascer Ywyty Guaçu, Aldeia Tekoa Pyau – Jaraguá, Amazonir Fulni-ô, Amigos dos Kamayura, Anaf – Associação Nacional Indigenista, APIO – Povos indígenas do Oiapoque, Apiwtxa – Associação do Povo Ashaninka do Rio Amônia, Apoinme, ARPINSUL – Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul, Arte Baniwa, Arte Indígena Kaxinawá, Associação Artístico Cultural Nhandeva – Nossa Gente, Associação de Mulheres Indígenas do

Centro-Oeste Paulista, Associação Warã, Associação dos Jovens Indígenas de Dourados, A.J.I – Ação de Jovens Indígenas, Baniwa Online, Blogueiro Indígena, Blog Maxakali, Blog do Netuno, Conselho Indígena do Vale do Javari, Daniel Munduruku, Daniel Munduruku – Projetos Especiais, Denilson Baniwa, Descendência Indígena, Escola Pamaali – Baniwa, Gasodá Suruí, Huni Kui Inu Bake, Hutukara – Associação Yanomami, Índia Tikuna We'e'ena Miguel, Indígenas Digitais, Índios On-Line, Instituto das Tradições Indígenas, Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual, Kamayurá, Kaxixó, Krenak, Literatura Indígena – Um Pensamento Brasileiro, Literatura Indígena – Olívio Jekupé, Marcos Terena, Maxakali, Nação Indígena Pindorama Brasil, Nodanakaroda – Povos Indígenas do Alto Rio Negro, Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues, Paiter – O site do Povo Indígena Suruí, Pajé Filmes, Palavra de Maxakali, Portal Kaingang – Povo Apurinã, Povo Parakana, Povos Indígenas no Sul, Programa de Índio, Projeto Pindorama, Projeto Vídeo nas Aldeias, Questão indígena em destaque, Rede Culturas Indígenas, Rede Grumin de Mulheres Indígenas, Reserva Pataxó Aldeia Velha, Retomada Tupinambá, Ronildo Terena, Saberes da Floresta, Santuário dos Pajés, Séculos Indígenas no Brasil, Tapeba – Centro de Produção Cultural, Tekoa Mboy – TV, Tribo Brasil, Txai Hunikuin, TV Intertribal, Txaná Uri – A Viagem do pajé Ixã, Voz Terena, Yuxinawa, Waimiri Atroari, Web Rádio Brasil Indígena, Web Brasil Indígena, Xacriabá, Xucuru Kariri, Xukuru.

Ressaltamos dois pontos importantes encontrados nessa etnomídia listada acima. O primeiro refere-se ao fato de que, não obstante a permanência de alguns sítios citados, alguns não se encontram atualizados. As postagens em alguns sítios mais recentes datam do ano de 2009. Contudo, eles foram citados pelo fato de possuírem material de grande valor acadêmico. O segundo aspecto diz respeito à importância do material contido em cada um desses sítios: apesar de alguns sites não serem atualizados desde longa data, trazem consigo um material de alta qualidade que se refere às afirmações das tradições, à importância de escrever e denunciar perseguições sofridas com a demarcação de territórios; eles, ainda, listam a importância de salvaguardar a memória nos recursos hoje existentes e a necessidade de escrever para a afirmação da identidade étnica, bem como garantir e lutar pelos direitos assegurados na Lei.

A literatura indígena, nesse contexto, é reafirmada nos pressupostos dos próprios indígenas. Ela aparece nas páginas dos sítios eletrônicos ou, como chamado aqui, na etnomídia para reforçar essa busca pela expressão indígena. Daniel Munduruku (2016), em artigo de jornal online, escreve que uma das lembranças mais agradáveis que tem da infância é a de seu avô ensinando-o a ler, mas não as palavras dos livros, e sim os sinais da natureza presentes na floresta e necessários para poder nela sobreviver. Ele ainda diz que:

Hoje, pensando naquele tempo, sinto que a sabedoria dos povos indígenas está além da compreensão dos homens e mulheres da cidade. Não apenas pelo fato de serem sociedades diferenciadas, mas por terem desenvolvido uma leitura do mundo que sempre dispensou a escrita, pois entendiam que o próprio mundo desenvolve um código que precisa ser compreendido. E apenas os alfabetizados nesta linguagem são capazes de fazer esta leitura.

Daniel Munduruku, neste seu artigo de jornal, afirma que a lógica do dominador obriga o indígena a aprender a ler e a escrever as palavras alfabéticas. Esta prática, para ele, não respeita o caminho da Memória e da tradição indígena em seu mais amplo sentido. Ele compreende, contudo, que, para fortalecer a autoria como uma forma de tornar mais consistente também a identidade étnica dos povos, depende dos próprios indígenas compreenderem que eles necessitam de uma pedagogia própria que atenda aos seus reais interesses, uma prática específica e diferenciada que possibilite autonomia intelectual e espaço na sociedade para a livre expressão de seus pensamentos, esta que podemos ver na internet e na circulação editorial. Como podemos notar pelas variadas ferramentas de comunicação utilizadas, além do livro didático, das publicações de obras individuais, que esta prática, da busca pela reafirmação, re-existência de seus povos, está sendo exercida.

O *blog* “Literatura Nativa” é outro exemplo de (re)afirmação de identidade e busca de re-existência por meio das ferramentas de mídia. O *blog* pertence a Olívio Jekupé, o qual se vale da literatura para reivindicar sua identidade num espaço fronteiriço que marca limites entre tradição e contemporaneidade, índio puro e índio não puro. Ele argumenta, em sua página inicial, sobre essa questão do seguinte modo:

O mestiço é o mais discriminado nesse país, pois tanto eu quanto muitos no Brasil sofrem. Sei que sou mestiço e não tenho culpa de ser, e a miscigenação existe desde a chegada dos portugueses, não sou o primeiro índio não puro e não serei o último. Mesmo não sendo índio puro, quero dizer que tenho

orgulho de ser o que sou e não podemos ter vergonha, mesmo que a sociedade nos discrimine. Comecei a escrever poesia aos 15 anos. Com muito esforço consegui cursar Filosofia (de 1988 a 1990) na PUC Paraná, mas, após muito sofrimento por causa do frio e falta financeira, fui obrigado a abandonar o curso. Novamente em 1992, já em São Paulo, retornei ao curso na Universidade de São Paulo (USP) que, após quatro anos de estudos, fui obrigado a deixá-lo mais uma vez devido aos recursos financeiros. [...] Gosto de abordar a importância da literatura escrita pelo índio, entre outros¹⁹.

O uso da etnomídia como forma de expressão alternativa indígena é, desse modo, uma forma de utilização da ferramenta midiática reconfigurada para os interesses que se mostram necessários aos próprios povos indígenas, *interesses que eles veem como necessários*. Como podemos observar, a literatura está também voltada para a defesa, para a produção e para o desenvolvimento da literatura indígena expressa nos meios de comunicações utilizados pelas lideranças indígenas, mulheres indígenas, representantes dos movimentos indígenas. Nesse sentido, vemos a reconfiguração da própria literatura para atender a uma especificidade dos povos indígenas, em que uma variação de gênero – ainda em construção – se torna mais sólida com o apanhado de textos escritos que surgem a partir de indivíduos das variadas etnias.

Outra liderança indígena que se vale de recursos midiáticos para apresentar variados temas é a escritora, crítica literária e figura política Eliane Potiguara. Consta em sua biografia, publicada como apêndice no livro *Metade cara, Metade máscara* (2004), que ela é escritora, poeta, professora formada em Letras (Português-Literatura), licenciada em Educação, remanescente do grupo étnico Potiguara, autodidata em Direitos Indígenas, fundadora em 1985 da Associação (não é ONG) Grumin – Grupo Mulher-Educação Indígena –, que recebeu em 1996 o II Prêmio de Cidadania Internacional pela Fundação Iraquiana Bah'ai. Consta, ainda, que Grumin se constitui, atualmente, na Rede de Comunicação Indígena. A biografia de Eliane é apresentada aqui a fim de mostrar o papel militante que ela vem desempenhando há algumas décadas.

No site de Eliane Potiguara, em sua página inicial, aparece a seguinte citação da própria Eliane: “A riqueza dos povos indígenas está na territorialidade: cultura, tradições, espiritualidade, artes, línguas... uma rica cosmovisão”²⁰. A citação pode ser

¹⁹ Cf.: <http://oliviojekupe.blogspot.com.br/>

²⁰ Cf.: <http://www.elianepotiguara.org.br/home.html#.WGZtC1MrJ1s>

compreendida como uma elucidação de temas que interessam tanto à escritora quanto aos povos indígenas em geral. Seu *site* também contém uma aba que encaminha à categoria Livros e Publicações. Nessa aba, encontram-se as seguintes obras, também literárias: “O coco que guardava a noite” (2012), “Sol do pensamento” (2005), o primeiro livro sob o formato E-book indígena na internet, a obra “Metade cara, Metade máscara (2004), “Akajutibiró, terra do índio potiguara” (1994), “A terra é a mãe do índio” (1989). Além de seu site, Eliane Potiguara possui uma página na rede social *Facebook* que atualiza com frequência. Recentemente, em uma postagem datada em 29 de novembro de 2016, ela divulga seu livro intitulado “A cura da Terra”, participante da *Feria Internacional del Libro de Guadalajara*, que traz em uma foto o seguinte poema: “O que seria a pobreza, eu sempre me perguntava? Já que ninguém me respondia, então comecei a dar vida a meus pés, aos meus próprios olhos, à visão: as janelas da alma”. Eliane possui, ainda, conta em outra rede social, o *Twitter*, cuja recomendação para a seguirem ela dá na página inicial de seu *site*.

Diante do acesso a variados recursos de comunicação, compreendidos também como etnomídia, ressaltamos as considerações de Graça Graúna (2004) acerca das manifestações de múltiplos povos indígenas. Ela afirma que “[...] reconhecer a propriedade intelectual indígena implica respeitar as várias faces de sua manifestação” (GRAÚNA, 2004, p. 20). De modo que Munduruku, Krenak, Nambikwara, Guarani, Sateré-Mawé, Potiguara e outras etnias se reconheçam, como afirma Graúna (2004), nos parentes da floresta, dos rios, dos cerrados, das montanhas, das cordilheiras, dos campos, das cidades e onde mais houver esperança à construção de um mundo possível. Almeida (2009), sobre os textos indígenas em circulação no país, argumenta que:

Dentre os quase 300 povos indígenas que vivem no Brasil, vários têm investido na construção de textos que, postos em circulação, constituem significativa experiência tradutória, na medida em que instalam no papel não uma determinada versão ou linguagem, mas o transitório do bilinguismo. Publicados em suas línguas ou em língua portuguesa, esses textos recolocam esses povos, suas *littera*, no terreno da cultura literária, modificando-a de tal forma que, nessa cultura mesma, leremos os sinais de outros modos de ser [...] (ALMEIDA, 2009, p. 67).

Aliado ao processo de edição e publicação dos textos indígenas nos anos 1990,

que deslocam os povos tradicionais para a oralidade e a escrita, tal como assinala a autora, vemos que as publicações na etnomídia, utilizada como ferramenta por ele e para eles, surge na contemporaneidade para um resgate pelos próprios indígenas de suas identidades, aliados a grupos e intelectuais que favorecem essa veiculação cultural. Em outras palavras, podemos argumentar que há, em nossos tempos, uma reconfiguração dos papéis indígenas antes tidos como secularmente tribais ou atrasados, para um papel ativo e conquistador de ferramentas ou veículos que empoderam seus dizeres e suas possibilidades para falarem por si mesmos.

Considerações finais

Podemos observar que a *internet* se tornou e se torna um mundo possível para os povos indígenas, como aludido por Graúna (2004). A utilização de recursos midiáticos em prol de seus direitos é, como pudemos ver acima, uma ferramenta que alcança múltiplos povos e etnias tradicionais. Os *blogs*, *sites* e comunidades virtuais apresentam o exercício crítico desses povos frente a suas causas políticas e epistêmicas, bem como sua expressão literária, pois, ao mesmo tempo em que eles passaram a falar por si mesmos, a escrever por si mesmos, observamos uma crescente influência para que esse movimento não cesse. Significa dizer que cada vez que um indígena se manifesta, mais força ele dá à sua causa, pois passa a representar a si mesmo em termos de afirmação de alteridade.

A literatura indígena contemporânea, por meio das obras publicadas, acompanha as ações políticas reafirmando a memória ancestral, dando ênfase à tradição e à busca pelos direitos assegurados aos povos indígenas. Ela é legítima, pois sabemos que a literatura indígena, como argumenta Graúna (2013), uma variante do épico tecido pela oralidade, é um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo de 500 anos de colonização. Mostra-se, assim, uma ferramenta engajada que torna mais concreto o espaço em movimento das lutas político-epistêmicas dos povos indígenas.

Arfuch (2009) afirma que em nossas sociedades altamente mediatizadas e tecnicizadas, a ênfase biográfica da cultura contemporânea, mesmo excessivamente buscada na visibilidade mediática, deve ser vista como compensatória frente à

uniformidade, ao anonimato, ao isolamento da vida atual. Isso quer dizer que se trata de perceber a necessidade de afirmação de uma “subjetividade cambiante, sujeita às transformações da globalização, às derivas migratórias, à desarticulação de trajetórias convencionais no mercado de trabalho, à incerteza dos projetos de vida, enfim, aos dilemas da reconfiguração identitária de nosso tempo” (ARFUCH, 2009, p. 120). Nesse viés contemporâneo podemos inserir a importância da ação dos militantes ameríndios, cuja inserção na rede *online*, pelo uso dessas novas tecnologias, para os indígenas, revela uma vontade de visibilidade, de reafirmar a memória, em que os interesses são coletivamente expressos: visibilidade e luta por suas culturas, expressões e línguas, demarcações territoriais, literatura indígena, alcance, denúncia de violências sofridas ao longo dos séculos, estes são alguns dos temas que vemos serem frequentemente abordados por eles e que merecem algum destaque.

A mídia, também intitulada etnomídia pelos indígenas, como ferramenta na denúncia da violência e repressão sofrida pelos povos, mas também como expressão da dor, se apresenta como um mundo possível e como um direito válido na propagação da expressão literária, seja na forma que surgir, tanto literária quanto religiosa, política, estética etc. Nesse sentido, argumentamos que, assim como os povos indígenas passaram a se apropriar da escrita e por meio dela ressignificaram culturalmente a tradição étnica, da mesma forma vemos que a apropriação de ferramentas midiáticas surge como veículo alternativo ressignificado e em defesa dos interesses comuns dos povos numa guinada de valorização da tradição ameríndia.

Referências

- ALMEIDA, Maria Inês de. *Desocidentada: experiência literária em terra indígena*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução Paloma Vidal – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- _____. *O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea*. In: GALLE, Helmut, Org. e Outros. *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. Organizado por Helmut Galle; Ana Cecília Olmos; Adriana Kanzevolsky; Laura Zuntini Izarra. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009.
- COSTA, Suzane Lima. “O que (ainda) podem as cartas? In: *Interdisciplinar*, ano VIII, v. 19, n. 01, jul./dez., p. 87-98, Sergipe, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1796/1582>>. Data de acesso: 19/12/2016.
- COSTA, Suzane Lima. “Das escritões às escrituras indígenas: exercícios de inestética”. In: *XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba, 2011.
- ESBELL, Jaider. “Índios: identidades, artes, mídias e conjunturas”. In: *Em tese*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, maio-ago, 2016, p. 11-19.
- EURICH, Grazieli. “Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade”. In: *VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e I Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã*, Pato Branco, 2010. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/Web%20Brasil%20Ind%C3%ADgena%20etnom%C3%ADdia%20e%20afirma%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade.pdf> Acesso em 20/01/2017.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- KARIRI, Rafael Xucuru; COSTA, Suzane Lima. “Conversações sobre povos indígenas em práxis autobiográficas”. In: *Pontos de Interrogação*, v. 4, n. 2, jul./dez., p. 85-98, Bahia, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/1683/1116>>. Data de acesso: 19/12/2016.
- MONTE, Lindemberg Nietta. “Registros de prática de formação”, *Em Aberto*, Brasília, V. 20, n. 76, p. 19-33, fev. 2003.
- PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço*. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, 169f, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.
- RISÉRIO, Antônio. *Textos e Tribos – Poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.
- SCHMIDT, Sigfried J. “Sobre a escrita de histórias da literatura”. In: OLINTO, Heidrun Krieger (org). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*, Editora Ática, São Paulo, 1996.

Sites acessados

- “A escrita e a autoria fortalecendo a identidade étnica”. Disponível em: <<http://radioyande.com/>>. Data de acesso: 20/12/2016.
- “Eliane Potiguara: meus textos pelos caminhos e descaminhos da vida”. <http://www.elianepotiguara.org.br/home.html#.WF1A0_IVik>. Data de acesso: 23/12/2016.
- “Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários”. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos->

originarios/>. Data de acesso: 19/12/2016.

“Lideranças indígenas reagem a possível revisão de demarcações no governo Temer”. Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/liderancas-indigenas-reagem-a-possivel-revisao-de-demarcacoes-no-governo-temer/>>. Data de acesso: 27/12/2016.

“O genocídio Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul”. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2016/07/o-genocidio-guarani-e-kaiowa-no-mato-grosso-do-sul/>> Data de acesso: 15/01/2017

“Retomar para existir”. Disponível em: <<https://bloguedoanapuaka.wordpress.com/page/2/>>. Data de acesso: 17/12/2016.

“Sites indígenas: a internet em favor dos povos indígenas”. Disponível em: <<http://sitesindigenas.blogspot.com.br/p/indigenas.html>> Data de acesso: 20/12/2016.

“XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros” Disponível em: <<http://www.encontrodeculturas.com.br/2012/noticia/857/denilson-baniwa-e-os-desafios-da-etnomidia>> Data de acesso: 19/12/2016.